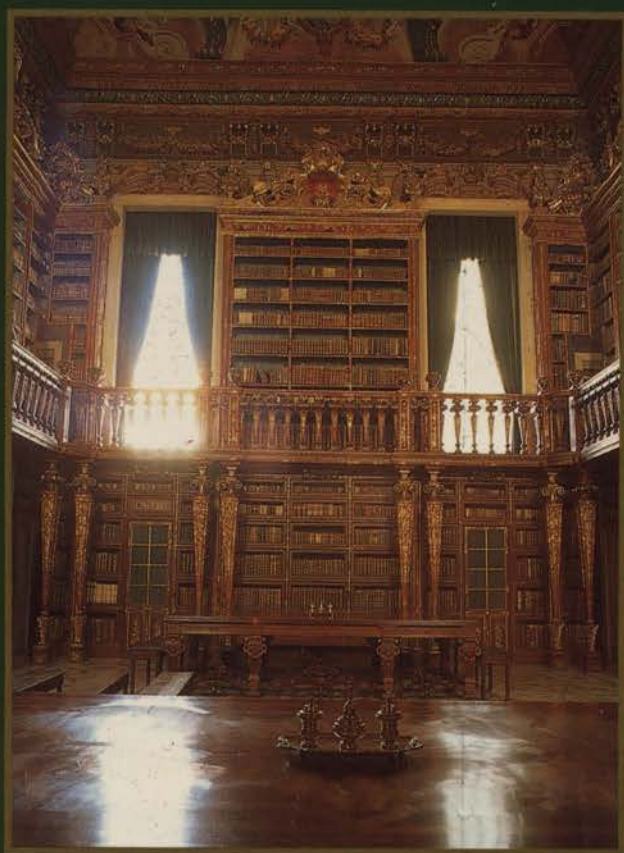


REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 12

UNIVERSIDADE



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1990

Terminamos, chamando a atenção do leitor para a riqueza e originalidade desta obra. Além da problemática que sumariamente referimos, *O Polegar do Panda* aborda ainda temas tão distintos, mas afins, como a análise crítica das posições de V.C. Wynne-Edwards e de R. Dawkins sobre a unidade da selecção; a fraude de Piltdown e a construção do mito da superioridade das raças brancas; o grande trunfo da evolução humana (postura vertical-bipedismo e não exactamente o aumento do cérebro); o sentido «lamarckiano» da evolução cultural; a discussão das metáforas sobre a história da vida («roda dentada evolutiva»; «declive»; «paisagem»); as árvores da vida; as ilusões e os erros da craniometria; o «mongolismo» ou síndrome do Dr. Down; o significado do tempo geológico; a discussão histórica da lei biogenética-fundamental; o problema da transição do não-vivo para o vivo — entre muitos outros.

Por aqui se vê que *O Polegar do Panda* é uma obra a ler e a reler.

Ana Leonor Pereira Dwarkasing

Yves Coppens, *Pré-Âmbulos. Os primeiros passos do Homem*, Lisboa, Gradiva-Publicações Lda, 1990, 232 p.

Desta vez, Yves Coppens estampou um volume composto de várias peças textuais de «curta metragem» seleccionadas do vasto conjunto de prefácios e comunicações que o conceituado paleontólogo tem reunido ao longo de sua carreira.

A inspiração para esta obra veio-lhe do *Livro dos Prefácios* de Jorge Luís Borges — bela advertência que coloca imediatamente o leitor na expectativa de encontrar neste volume uma pedagogia estética do trabalho científico. E, na verdade, *Pré-Âmbulos* é um livro que tem o dom de maravilhar o leitor pela presença dum sentido poético-vivencial que resulta da combinação dos jogos de tempos e de lugares com o seu habitual estilo de comunicação aberta, mas concêntrica.

O livro está dividido em quatro partes: 1. *Origem e evolução do homem — uma questão de disciplinas*; 2. *Os grandes antigos e as instituições*; 3. *Os grandes antepassados e o seu meio*; 4. *Origem e evolução do homem — uma questão de difusão*.

O desenvolvimento da problemática das disciplinas na 1.^a parte resulta da articulação criteriosa de diversos textos e termina com o tópico *paleoantropologia e pré-história* no qual o autor retoma a sua lição inaugural no Colégio de França proferida em 2 de Dezembro de 1983.

Uma ideia-chave percorre esta primeira parte do livro: a antropologia paleontológica e a sua irmã, a pré-história, ciências que estudam

a história natural do homem, são testemunhas da inexistência de fronteiras entre as ciências da terra, as ciências da vida e as ciências do homem. Com efeito, inúmeras disciplinas confluem na paleoantropologia, pois o entendimento da origem e evolução do homem depende cada vez mais da articulação dos seus contributos.

Assim, a paleoantropologia tem vindo a ocupar-se «não só dos antepassados do homem no plano anatómico e biomecânico, da sua origem profunda, dos seus parentescos animais e do sentido da sua evolução, mas também do meio em que estes seres viveram, das suas variações, da bioquímica, da biologia molecular, da imunologia, da citogenética destes supostos pais e mesmo da sua etnologia e da sua fisiologia, etc. Primatologia, paleoclimatologia, paleoecologia tornaram-se assim, ciências de consulta permanente no exercício de rotina da paleoantropologia. O estudo da natureza do homem e das suas variações passa actualmente por dados descritivos da anatomia, da fisiologia, da biometria, mas também por aproximações tão variadas e diferentes como a hematologia, a ergometria, a genética e a demografia. Situa-se, consequentemente, nas vizinhanças da biologia e da medicina, da etnologia e da sociologia e mesmo da economia e da psicologia» (p. 42-43). No seu combate pela objectivação de um real de difícil acesso a paleoantropologia tem apostado no desenvolvimento e diversificação dos seus métodos e é por esta via que ela estreita as suas relações com as disciplinas científicas acima referidas. Todo um conjunto de técnicas metodológicas, desde a microscopia electrónica às datações radioisotópicas e à espectrografia de massa, têm contribuído para alargar o campo de visão da paleoantropologia e dar uma maior segurança, exactidão e consistência aos resultados alcançados.

Todavia, não se caia na ilusão de que este conforto metodológico serenou o espírito dos cientistas ou gerou um consenso epistemológico sem tensões profundas. Nenhum saber científico é irrefutável, nem mesmo o das ciências ditas *duras*. A história natural do homem não faz excepção. Pelo contrário, a antropologia paleontológica tem razões em excesso para ter consciência da relatividade dos seus enunciados e para assumir com uma ânsia positiva a sua própria historicidade. Algumas vezes tivemos ocasião de dialogar com paleoantropólogos e de apreciar as suas divergências. Ficámos com a impressão de que a paleoantropologia vive com algum sobressalto na medida em que manifesta esperança e simultaneamente receio de encontrar, um dia, uns «restos», ossos ou calhaus, susceptíveis de confirmar ou de comprometer conjecturas entretanto edificadas e aceites. Este estado de espírito nada tem de negativo. Trata-se de um cuidado que, afinal, testemunha um sério nível de maturidade intra-científica.

No entanto, é bem distinto o sentimento que se colhe da leitura de *Pré-Âmbulos*. Yves Coppens deposita toda a confiança na sua pers-

pectiva inovadora, elaborada a partir dos dados obtidos com minucioso labor nas escavações e mediante os sofisticados dispositivos técnico-laboratoriais a que sumariamente aludimos. Através deles «atinge-se o nível do tecido orgânico, o nível celular e molecular, analisa-se o conteúdo do osso, trespassando-o com raios X, ordenam-se os fósseis numa cadeia cronológica fechada, manipula-se o conceito de população...» (44). De modo que, Yves Coppens não manifesta qualquer tipo de reservas nas respostas que dá às perguntas mais inquietantes: «Quem somos? Donde vimos?». O seu espírito naturalista puro e alheio a véus metafísicos responde com toda a legitimidade epistemológica: «Vimos do mundo animal. A nossa origem é muito antiga, é única, tropical e africana» (p. 44). Neste âmbito, o autor trata com algum detalhe a extrema proximidade entre os homens e os antropóides, particularmente os chimpanzés — constatação que a biologia molecular e a citogenética têm vindo a reforçar.

Esta afinidade entre o Homem e o Chimpanzé sob os pontos de vista anatômico, bioquímico, citogenético e etológico funda a hipótese de que ambos têm um ascendente comum num passado recente em termos geológicos (menos de 10 milhões de anos). A credibilidade desta hipótese repousa em numerosas investigações paleontológicas sobre o Eoceno, o Oligoceno ou o Mioceno da África do Norte e do Leste, da Arábia, do Irão, da Turquia, da Grécia, da Hungria, do Paquistão, da Índia, da Birmânia, da China, etc.; igualmente inúmeros trabalhos de embriologia, fisiologia, hematologia, biomecânica, imunologia e bioquímica indicam que a divisão panídeos (gorila e chimpanzé, grandes macacos africanos) — hominídeos (australopitecos e homem) ocorreu há cerca de 10 milhões de anos. Para sustentar esta hipótese é igualmente relevante que «o método de hibridação do ácido desoxirribonucleico acaba de propor, por exemplo, as datas de 16 milhões de anos para a individualização da linha dos orangotangos, 10 milhões de anos para o destaque do gorila e 7.500.000 anos para a divergência dos hominídeos — chimpanzés» (p. 61). Acrescentando as estas fontes os resultados da etologia dos grandes antropóides, particularmente dos chimpanzés, confirma-se que o homem é primo do chimpanzé e que embora a sociedade, a cultura e a comunicação humanas sejam superiormente complexas, o paleoantropólogo tem, por vezes, necessidade de «recorrer a uma noção quantitativa» (p. 62) para objectivar a distância que nos separa deles.

Dizendo isto, o autor está longe de pretender diluir as diferenças que nos singularizam. Yves Coppens visa fundamentalmente expor à consideração de todos a espantosa unidade do mundo vivo com o qual a humanidade faz corpo, sendo ela mesma um todo uno, «uma extraordinária unidade, rica nas suas diferenças individuais, populacionais, culturais» (p. 71). Ao leitor atento não pode passar despercebido que

esta óptica paleoantropológica funda de pleno direito um novo humanismo ético-político que arruina pela base a pseudo-cientificidade das geografias económico-político-mentais racistas.

A questão da unidade do mundo vivo em geral e do género humano em particular é retomada pelo autor na 3.^a parte da obra. Variadíssimos argumentos se encontram aí expostos para demonstrar o monocentrismo e a hipótese monogénica da espécie *homo sapiens* contra as teses da origem múltipla do homem moderno.

Neste sentido, chama-se a atenção do leitor para os quadros que sintetizam: 1.^o o itinerário filogenético e geográfico possível da nossa superfamília, os hominóides, desde a sua origem, em África, há 35 milhões de anos; 2.^o o itinerário filogenético e geográfico possível do nosso género *Homo*, desde a sua origem, em África, há 3 ou 4 milhões de anos (p. 154). Sem dúvida, se atendermos a que o género, *Homo* partilha da unidade do ser e da vida termos de ultrapassar as balizas destes quadros e inscrevê-lo num contexto muito vasto: imaginar a filiação do género *Homo* com 3 a 4 milhões de anos na família dos hominídeos com cerca de 8 milhões de anos; na superfamília dos hominóides com 35 milhões de anos; no quadro dos mamíferos com 200 milhões de anos, e mais alargadamente na árvore da vida (4 mil milhões de anos), na história da terra (5 mil milhões de anos) e na história do universo com 15 mil milhões de anos. É na base desta arqueologia astronómica que se compreende que o homem é um recém-nascido — consideração que, embora tenha o seu quê de tranquilizante não deixa de inquietar, pois, afinal, ele alcançou num «abrir e fechar de olhos» o poder de dominar a natureza e o seu próprio processo evolutivo. A esta luz, torna-se mais evidente o quanto ele deve a todo o ser, a toda a vida, a toda a existência que o precedeu e acompanha. O homem, «menino das estrelas», primo dos macacos, primo extremamente chegado dos chimpanzés, de origem tropical, como todos os seus ascendentes e os seus primos primatas, nasceu num único lugar da terra onde hoje se localiza a Etiópia, o Quênia e a Tanzânia. Pela sua extraordinária capacidade de adaptação fez-se senhor da terra, senhor da sua reflexão e da sua liberdade. Senhor ou escravo, não sabemos, porque a nossa própria espécie, *Homo sapiens* tem a diminuta idade de 50.000 anos e não mostra sinais inequívocos de poder perpetuar-se durante os próximos milhões de anos. E, acrescente-se que, *apesar da nossa inteligência, ou por causa dela, talvez não possamos igualar os estúpidos dinossauros que dominaram a terra durante 100 milhões de anos.*

Além da abordagem da origem e evolução do homem, o livro de Yves Coppens conta-nos a história institucional e personalizada dos estudos de história natural do homem, justamente no capítulo intitulado *Os grandes antigos e as instituições*. É uma história que se estende

por mais de um século e através dela Yves Coppens leva-nos a visitar as grandes personalidades, obras e instituições que foram dando corpo à história natural do homem. A originalidade deste relato advém-lhe da circunstância de se tratar de uma história, em parte, vivida pelo autor, não só porque o seu próprio itinerário segue as pisadas dos grandes cientistas invocados mas porque privou com muitos deles, caminhando a seu lado, em estreita colaboração.

Yves Coppens, além de recordar a criação da cadeira de Antropologia (1855) do Museu Nacional de História Natural de Paris de que A. de Quatrefages foi o primeiro titular, e o ensino da Pré-história no Colégio de França com Henri Breuil, Pierre Teilhard de Chardin, André Leroi-Gourhan, debruça-se sobre outras instituições, tais como o Museu do Homem, o Instituto de França, etc., e detém-se noutras figuras de renome mundial com destaque para Camille Arambourg, Louis Leakey, Richard Leakey, Henri-Victor Vallois, Jean-Pierre Lehman, Jaques Millot, Robert Gessain e Phillip Valentine Tobias.

A riqueza estético-científica de *Pré-Âmbulos* não se esgota no tratamento das grandes questões paleoantropológicas, nem na escrita vivificante que nos transmite a história da história natural do homem. Um tópico maior percorre toda a obra de uma forma intersticial, eclodindo em grande plano e sendo assumido com todo o vigor e seriedade na última parte de *Pré-Âmbulos*. Referimo-nos à problemática da adaptação das mentalidades de todos os níveis etários aos grandes princípios paleoantropológicos. Embora seja inegável que as lições paleoantropológicas e pré-históricas se repercutiram e marcaram de modos diversos o pensamento contemporâneo, isto não significa que estas ciências tenham sido e sejam reconhecidas espontaneamente, pelo senso comum, enquanto uma das fontes mais seguras e legítimas de estruturação de novos esquemas de pensar e perceber a humanidade. Yves Coppens tem absoluta razão: «como poderíamos, impunemente, declarar, a partir de agora, incessantemente e em todo o lado, que o homem nasceu do mundo animal, que gorilas e chimpanzés são incontestavelmente os nossos parentes mais chegados, que temos todos a mesma origem e que partilhamos, assim, todos o mesmo peso de história, que nascemos em África, perfeitamente adaptados ao mundo dos trópicos, e que somos o que somos um pouco porque houve uma grande seca do lado onde estávamos e porque desenvolvemos este epifenómeno estranho, prolongamento do nosso corpo, a que chamamos cultura — como poderíamos declarar tudo isto sem acabar por transformar profundamente a maneira de pensar do homem?» (p. 71). Yves Coppens não é um optimista ingénuo. Ele confia na capacidade persuasiva da ciência, não enquanto poder imediato e automático de renovar as mentalidades, mas na medida em que a comunidade científica se disponha a investir nesta esfera. Por isso, Yves Coppens tem apos-

tado na difusão dos resultados científicos através de programas diversos, desde exposições, filmes, até emissões radiofónicas, televisivas e outras. Ele tem assumido a sua quota-parte da responsabilidade da ciência face ao direito de todos os indivíduos à emancipação mental. Alguém poderá duvidar do interesse da humanidade em se libertar de dogmas e preconceitos ilusórios acerca da sua origem, das suas raízes, do seu itinerário, da sua natureza? Não se pode pôr em causa este interesse sem comprometer a natureza racional do *Homo sapiens sapiens*. Por outro lado, é inquestionável que a paleoantropologia e a pré-história, são as disciplinas mais aptas para demonstrar e ensinar «a densidade do tempo, a instabilidade dos seres e das coisas, a mais importante das leis da biologia, a evolução, o respeito pelo homem anterior e pelos homens de outros lugares...» (p. 201). Por isso, terminamos com uma palavra de reconhecimento dirigida a todos os cientistas que, como Yves Coppens, tomam iniciativas no sentido de corresponder às carências do público heterogéneo e lutam para que as noções de *profundidade do tempo*, de *evolução das espécies*, de *origem única, tropical e leste-africana* do homem, de *unidade e monofiletismo* do género *Homo*, do papel do *meio*, do *utensílio*, da *sociedade*, da *comunicação* no desenvolvimento material e espiritual da humanidade e outras noções adjacentes façam parte integrante e sejam devidamente valorizadas na educação infantil e juvenil. Ao procederem deste modo, eles estão, de facto, a difundir resultados científicos que reforçam e fundamentam o ideal da paz e da fraternidade entre todos os povos, culturas e civilizações. Neste sentido, merece ser invocada a exposição «Origens do homem» que Yves Coppens realizou no Museu do Homem em 1976. Do seu impacte pedagógico falam os 6.000 comentários que os visitantes produziram ao verem a sua imagem reflectida num espelho — *a sua própria pessoa como último elo de uma cadeia de 70 milhões de anos de história*.

Ana Leonor Pereira Dwarkasing

A. Lima-de-Faria, *Evolution without selection*. Form and Function by Autoevolution, Amsterdam, (New York, Oxford), Elsevier, 1988. *Auto-evolução: uma revolução científica ou a subversão da ciência?*

O Professor António Lima-de-Faria é licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade de Lisboa e doutorado em Genética pela Universidade de Lund, Suécia, onde é presentemente Professor Catedrático. Desenvolveu um trabalho considerável dentro do campo da genética, tendo vários artigos e livros publicados sobre o assunto. Neste seu úl-